

## Coluna do Castello

## Salvar a Arena

Brasília — Missão difícil a que foi confiada ao Senador José Sarney: Dirigir a Arena, restaurar-lhe a unidade e atribuir-lhe uma ideologia parece algo inatingível a partir da realidade atual. No entanto, o Senador pelo Maranhão, que é homem destemido, acredita que possa ter êxito nessa missão e se movimenta com o desembaraço de quem está a alguns passos da vitória.

Dirigir a Arena tem sido, até aqui, relativamente fácil, na medida em que o Governo pedia do seu Partido apenas apoio, fidelidade e submissão às políticas adotadas. Hoje, com o avanço das aberturas, já não será tão fácil manter o nível de obediência obtido desde o Ato Institucional nº 2 e consolidado a partir do Ato nº 5. Há arenistas descontentes com os rumos do Partido, ressentidos com a escolha de governadores, preocupados com o fato de que a constitucionalização do país não importou na incorporação do Partido ao Governo. A Arena continua a ser uma peça subsidiária para conter o exercício da autonomia do Congresso. Mas haverá de sentir-se proximamente que, com a perda da faculdade governamental de cassar e a suspensão da fidelidade partidária, poderá modificar-se esse quadro, inclusive pela transferência de parcelas arenistas para o lado das teses da Oposição.

A unidade da Arena parece hoje mais comprometida do que a do MDB, inclusive porque nesse Partido se impôs, entre as correntes que o compõem, a tese de que é essencial para o exercício da sua pressão em favor de melhores níveis institucionais a manutenção da sua unidade, a qual somente se quebraria depois de alcançado o objetivo. O MDB, por outras palavras, tem um objetivo e a Arena o perdeu, pois a subserviência a um Governo jamais foi em qualquer tempo objetivo de Partido político, mas missão de emergência atribuída pelos regimes de força aos que a ele se sujeitam. O programa arenista, sem embargo, é quase idêntico ao do MDB, mas a lealdade dos arenistas a esse programa tem que ser manifestada lenta e gradualmente, na medida do ritmo que o Presidente da República imprimir à distensão.

Mas o Senador Sarney, que é otimista — se não o fosse, não se investiria na presidência de um Partido no momento em que o Governo procura dissolver os Partidos existentes para constituição de pelo menos quatro novos Partidos — pretende dotar a Arena de compromissos com algumas idéias. Por extensão, diz-se que ele quer dotá-lo de uma ideologia, o que não parece ser o caso. Os Partidos democráticos prescindem de ideologias, pois eles se incumbem de defender a doutrina da democracia e impedir que sua aplicação sofra os desvios ideológicos de esquerda e de direita, do Marxismo ou do Fascismo, sob suas cambiantes formas antigas e modernas.

■ ■ ■

Mas o nosso Senador está promovendo reuniões com cientistas políticos para definir o corpo de idéias da Arena, que deverá ser um Partido de centro preocupado com as questões sociais. Uma espécie de social democracia do tipo europeu, embora a tradição social-democrática brasileira tenha uma velha denominação e represente uma segura realidade, o pessedismo. Nada tem a objetar a cientistas políticos, mas cabe lembrar ao Senador Sarney que o compromisso do cientista é o não engajamento, é a observação do fenômeno político para sua análise e compreensão. Eles não parecem ser as pessoas mais indicadas para orientar, na prática, a formação ou a reorganização dos Partidos. Esse papel caberia de preferência às bases espalhadas por todo o país e que se deveriam reunir para definir a posição da Arena no quadro da nova realidade brasileira, sobretudo em face do Governo que se montou à sua revelia mas no pressuposto da sua submissão.

■ ■ ■

Finalmente, há a encarar, no âmbito da missão Sarney, o grave fenômeno do desaparecimento da Arena em três dos principais Estados brasileiros. Em São Paulo, onde o MDB obteve no último pleito 82% dos votos válidos, a Arena foi praticamente apagada do mapa, situação que se tornou mais crítica com a ascensão ao Governo, num ato de rebeldia da Convenção, de um nome que desagradou o Palácio do Planalto. O Sr Maluf, que governará o Estado em nome da Arena, não se compõe com as figuras até aqui exponenciais do Partido oficial, mesmo porque o Governo federal faz questão de mostrar sua indiferença pelos planos do Governador. Homem audacioso, o Sr Maluf passou ao desafio, nomeando um desembargador para a Secretaria de Segurança, que o sistema reservava a coronéis do Exército, para a Fazenda um adversário pessoal do Ministro do Planejamento e para o Dersa o General Enio Pinheiro, secretário-geral do Ministério do Exército nos tempos da candidatura Sílvio Frota.

No Rio de Janeiro, a Arena é um resíduo do antigo lacerdismo e não há a menor perspectiva de que ela ali sobreviva. Se não houver a terapia institucional da abertura do leque partidário, o MDB continuará a crescer no duplo desempenho de apoiar o Governo e de fazer-lhe oposição. Não há espaço para a Arena.

No Rio Grande do Sul, a situação é menos dramática, pois o Partido oficial representa pouco mais de um terço do eleitorado, mas ninguém ignora que suas lideranças desapareceram por envelhecimento ou renúncia e não foram ainda substituídas. O MDB está fadado a ganhar eleições, a menos que haja êxito nos esforços tendentes a induzir o Sr Leonel Brizola a rachar o Partido cujo controle político está nas mãos do Sr Pedro Simon. O Sr Brizola, de forte apelo eleitoral, não se mostra disposto no momento a desempenhar esse papel.

Carlos Castello Branco